

REDENÇÃO DE QUEM? Reflexões sobre território e educação decolonial a partir do estágio supervisionado em sociologia no Maciço de Baturité (CE).

Gabriel Holanda Almeida (UNILAB)¹, ca
fecurioso4@gmail.com

Lionésia Lima Ié (UNILAB)², lio
nesialimaie612@email.com

RESUMO

Este resumo apresenta reflexões a partir do Estágio Supervisionado I do curso de Sociologia da UNILAB, realizado na Escola Estadual de Ensino Profissional Adolfo Ferreira de Sousa, em Redenção (CE). Compreende-se o estágio como espaço de formação docente, pesquisa e produção de conhecimento crítico, partindo do entendimento de que a educação não é neutra e se encontra atravessada por dimensões históricas, culturais, sociais e territoriais. O texto analisa como as heranças da colonialidade se expressam no modelo educacional, nas práticas pedagógicas e na organização do espaço escolar, bem como tensiona possibilidades de uma educação decolonial no ensino de Sociologia. A metodologia fundamenta-se na observação participante, com acompanhamento sistemático das aulas de Sociologia e Filosofia entre setembro e dezembro de 2025, intervenções pontuais em sala e registros em diário de campo. As análises evidenciam que o caráter seletivo do ensino profissionalizante, a orga

¹ Bacharel em Humanidades e Licenciando em Sociologia (UNILAB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8669684531334945>

² Bacharel em Humanidades e licenciando em Sociologia (UNILAB). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3049695907529107>

nização espacial disciplinadora das salas e a ausência de materiais específicos de Sociologia contribuem para a reprodução de desigualdades históricas e narrativas eurocêntricas. Ainda assim, o estágio revelou brechas para práticas pedagógicas contra-hegemônicas, especialmente a partir de ações voltadas às relações étnico-raciais e da construção coletiva do ensino, desta forma, o estágio ultrapassa a dimensão técnica, constituindo-se como espaço político de resistência, esperança e (re)invenção pedagógica.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Ensino de Sociologia; Educação decolonial; Relações étnico-raciais; Território.

1 INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido apresenta reflexões oriundas do Estágio Supervisionado I, componente curricular obrigatório do curso de Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), realizado na Escola Estadual de Ensino Profissional Adolfo Ferreira de Sousa, localizada no município de Redenção, região do Maciço de Baturité, Ceará. O texto articula experiências empíricas vivenciadas no espaço escolar compreendendo o estágio como espaço de pesquisa, formação docente e produção de conhecimento crítico.

Tendo em vista que as formas pelas quais a colonialidade assume na atualidade, ainda exercem fortes influências contra qualquer tentativa de preservação de cultura, principalmente culturas não-hegemônicas que sofrem com as ridicularizações presentes em ofensas, “deboches” e “piadas” racistas. É necessário reconhecer que o impacto dessas ações vão além das questões étni

cas. Elas atingem todas as estruturas da organização social, formas de produção, educação, relacionamento e cultura no geral.

Neste sentido, partimos do entendimento de que a educação não é neutra e tampouco descolada das dimensões históricas, sociais, culturais e territoriais que constituem os sujeitos e as instituições. Assim, este trabalho se propõe a analisar como as heranças da colonialidade se expressam no modelo educacional, nas práticas pedagógicas e na organização do espaço escolar, bem como refletir sobre as possibilidades de uma educação decolonial no ensino de Sociologia.

Falamos a partir de um corpo brasileiro, negro de pele clara, bissexual, lido socialmente como dissidente e atravessado pela militância em movimentos sociais, coletivos culturais, projetos de extensão e grupos de pesquisa (Gabriel Holanda Almeida); e de um corpo guineense, negra retinta, da etnia Pepel, uma dos principais grupos étnicos de Guiné-Bissau (Lionésia Lima Ié), ambos/as formados/as pelo Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Entendemos que o corpo que ensina e aprende não é apenas biológico, mas político, histórico e simbólico, e que essas marcas interferem diretamente nas relações estabelecidas em sala de aula (SPIVAK, 2010). Dessa forma, o resumo não pretende neutralidade, mas compromisso ético-político com uma educação antirracista, democrática e decolonial.

O presente resumo articula observação participante, reflexões teóricas e vivências das/dos autoras/es, compreendendo o estágio como espaço de produção de conhecimento, prática pedagógica e investigação crítica sobre a educação, o território e as permanências da colonialidade no ensino.

2 METODOLOGIA

O estágio foi desenvolvido a partir da metodologia da observação participante, característica das pesquisas qualitativas, permitindo o acompanhamento sistemático das aulas de Filosofia e Sociologia, bem como das dinâmicas institucionais da escola. As observações ocorreram semanalmente, no período de setembro a dezembro de 2025, sob supervisão atenciosa e disponível do professor Samuel Fagundes (Samuca), responsável pelas disciplinas.

Além da observação, realizamos intervenções pontuais em sala de aula, participamos do planejamento de atividades pedagógicas e colaboramos na preparação dos/das estudantes para a semana de Humanidades na escola, que contou com ações voltadas às relações étnico-raciais, em consonância com as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. O diário de campo foi utilizado como instrumento fundamental de registro das percepções, diálogos, conflitos e aprendizados, permitindo posteriormente a sistematização analítica das experiências vividas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola Estadual de Ensino Profissional Adolfo Ferreira de Sousa está localizada em um entre-lugar geográfico, situado entre os municípios de Redenção e Acarape, afastada de zonas residenciais e dependente de transporte escolar. Tal localização não é aleatória, mas expressão das “rugosidades” do espaço (SANTOS, 1986), revelando como decisões políticas, econômicas e históricas se materializam no território e afetam o cotidiano escolar.

Redenção, conhecida como a primeira cidade brasileira a abolir oficialmente a escravização, carrega uma memória histórica marcada por contradições (Wil

ame, 2022). O discurso oficial celebra a abolição, mas invisibiliza as lutas, resistências e protagonismos negros que tornaram esse marco possível. A presença negra na cidade é frequentemente representada por meio de monumentos estereotipados, que reforçam imagens de subalternização, enquanto manifestações culturais negras locais, como a capoeira e os grupos de reisado, permanecem marginalizadas.

Essas contradições reverberam no espaço escolar. Observa-se uma presença minoritária de estudantes negros, o que pode ser explicado, entre outros fatores, pelo caráter seletivo das escolas de ensino profissionalizante. Tal modelo reforça desigualdades históricas, uma vez que nem todos os estudantes partem das mesmas condições sociais, econômicas e educacionais para disputar uma vaga. A pergunta que se impõe é: redenção para quem?

No interior da escola, a organização espacial das salas de aula, com fileiras enfileiradas e a centralidade do púlpito docente, evidencia um modelo educacional tradicional, bancário e disciplinador (FREIRE, 1987; FOUCAULT, 1989). Esse arranjo reforça relações hierárquicas e dificulta práticas pedagógicas dialógicas. A ausência de livros didáticos específicos de Sociologia e a utilização de materiais genéricos de “Ciências Humanas” também limitam o aprofundamento crítico dos conteúdos, além de (re)produzirem representações eurocêntricas, brancas e cis-heteronormativas dos sujeitos apresentados, bem como imagens estereotipadas de pessoas negras, mulheres, pessoas LGBTQI+ e demais grupos subalternizados em nossa sociedade (espaço-tempo).

Apesar dessas limitações, o estágio revelou brechas importantes para práticas pedagógicas contra-hegemônicas. O professor supervisor demonstrou abertura ao diálogo e à construção coletiva do ensino, mesmo diante da sobrecarga

enfrentada pelos docentes das áreas de Humanidades. As intervenções realizadas, especialmente aquelas voltadas às relações étnico-raciais, possibilitaram tensionar narrativas hegemônicas e promover debates críticos entre os estudantes.

Neste sentido, autores como Torres & Moreira (2023), nos mostra que o cern e anticolonial consiste no análise da situação de cada comunidade, olhando a história, geografia e política, a fim de perceber que soluções, métodos e estruturas importados de outras realidades materiais podem não alinhar-se bem com o contexto dos lugares que o recebem, causando sofrimento a uma população através da imposição destes modelos. No entanto, a escola como instituição formadora e transformadora de indivíduos, possibilita um espaço de novas perspectivas de ser e saber. Cogitar de forma anticolonial e permitindo a atuação de possível reconstrução de uma realidade material mais humanista para um povo que, por séculos, vem sendo arrancado de suas raízes.

Inspirado nas reflexões de Luiz Rufino (2021), compreende a descolonização como prática cotidiana, marcada pela ginga, pela malandragem e pela invenção. A capoeira surge, nesse contexto, como metáfora e metodologia: um jogo dialético de ataque e defesa, pergunta e resposta, que rompe com a rigidez do ensino tradicional e convoca outros modos de ensinar e aprender. Entrar em sala de aula gingando é assumir o risco, o erro e a construção coletiva do conhecimento.

Figura 1 - Aula sobre relações étnico-raciais no Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas evidenciam que o Estágio Supervisionado I ultrapassa a dimensão técnica da formação docente, configurando-se como espaço de pesquisa, autoconhecimento e posicionamento político. A experiência revelou tanto os limites estruturais da educação brasileira, ainda fortemente marcada pela colonialidade, quanto às possibilidades de resistência e transformação a partir de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social.

Para lutar contra a colonialidade do saber, entende-se que é preciso repensar a cultura que hegemonicamente está vigente nas instituições sociais, que são carregadas pelos referenciais imperialistas europeus e estadunidenses, conduzidos pelos interesses capitalistas, que cedem um sonho de sucesso e rendimento sobre humanos que não combina com a realidade material e histórica de todos, sobretudo, quando envolve as camadas mais pobres da sociedade. Por isso, é necessário repensar a identidade própria a partir das necessidades materiais de cada comunidade ou território, a fim de que sejam propostas soluções para os seus problemas cotidianos e histórico-sociais.

Os resultados aqui apresentados são parciais e não encerram a pesquisa. Pelo contrário, constituem o início de uma trajetória investigativa que pretendemos aprofundar nos Estágios Supervisionados II e III com foco na descolonização do ensino de Sociologia. Entendemos a pesquisa como processo contínuo, circular e inacabado, assim como a vida, conforme os saberes afro-diaspóricos.

Por fim, reafirma-se a esperança não como esfera passiva, mas como prática ativa, nos termos de Paulo Freire. Esperançar é agir, construir coletivamente e insistir na educação como ferramenta de transformação, mesmo diante das adversidades. É nas microrrevoluções do cotidiano escolar que se abrem caminhos para outros mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Professora Resgata Fatos Inéditos Sobre a Abolição na Cidade. Diário do Nordeste, 2006. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/professora-resgata-fatos-ineditos-sobre-a-abolicao-na-cidade-1.285640>> Acesso em: 01 de dezembro de 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SILVA, Cristiano. **Abolição da Escravatura**. O Estado, 2023. Disponível em: <<https://oestadoce.com.br/opinioao/abolicao-da-escravatura/#:~:text=Sociedade%20Redentora%20Acarapense%2C%20a%20Sociedade%20Art%C3%ADstica%20Acarapense%2C,na%20causa%20libert%C3%ADria%2C%20sociedade%20que%20tinha%20como>> Acesso em: 01 de dezembro de 2025.

CORDEIRO, Jaqueline Aragão. **Maciço de Baturité**. Coisa de Cearense. 2011. Disponível em: <<http://coisadecearense.com.br/macico-de-baturite/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2025.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1ª ed. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2010.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

Wilame da Silva Junior. **ENTRE LUGARES E NÃO LUGARES: MEMÓRIAS ENCRUZILHADAS PELOS SÍMBOLOS E NARRATIVAS DA ESCRAVIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE DE REDENÇÃO** - CE. Trabalho de conclusão de curso disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/5230>. Repositório da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). 2022.

TORRES, Leonardo Colossi; MOREIRA, Janine. Perspectiva decolonial e educação: Reflexões a partir de experiências. **Revista Psicologia Política**, v. 23, n. 58, p. 676-691, 2023.